

RESENHA



MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.^o Crispiniano, 79 - 8.^o andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — MARÇO — 1942

NÚM. 43

Apólices Populares Paulistas

Relação das apólices premiadas no 27.º sorteio ordinário, realizado no dia 31 de Março de 1942, conforme ata da Bolsa Oficial de Valores publicada no Diário Oficial”:

- 1.º PRÊMIO — 349.524 — QUINHENTOS CONTOS DE RÉIS
2.º " — 480.811 — CINQUENTA CONTOS DE RÉIS
3.º " — 256.526 — DEZ CONTOS DE RÉIS

40 PRÊMIOS DE 1:000\$000 CADA UM, SOB NÚMEROS:

035.522	330.400	429.954	820.890
056.684	332.489	430.350	827.116
080.993	333.560	447.520	841.253
081.890	335.614	472.093	879.434
087.801	406.922	479.140	890.949
089.360	409.065	487.901	912.095
191.397	411.222	691.173	935.281
210.652	421.854	700.270	964.557
223.066	428.289	797.538	980.840
230.859	429.229	808.522	999.151

Os portadores das apólices acima poderão receber os prêmios no “guichet” de qualquer Banco desta Capital ou no do Interior do Estado

O próximo sorteio ordinário das Apólices Populares será realizado no dia 30 de Junho de 1942, com a distribuição de Rs. 600:000\$000 em prêmios, sendo o 1.º de quinhentos contos de réis, o 2.º de cinquenta contos de réis, o 3.º de dez contos de réis e mais 40 prêmios de um conto de réis.

Banco do Estado de São Paulo

(BANCO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO)

CAPITAL REALIZADO RS. 100.000:000\$000

FAZ TODA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCARIA

MATRIZ: SÃO PAULO

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: B A N E S P A

Agências:

Araçatuba — Avaré — Barretos — Baurú — Braz (Capital) — Caçapava
— Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga
— Itapetininga — Jaboticabal — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte —
Olimpia — Ourinhos — Piraju' — Pirassununga — Ribeirão
Preto — Santo Anastácio — Santos

Depósitos — Empréstimos — Câmbio — Cobranças — Transferências
— Títulos — As melhores taxas — As melhores condições
Serviço rápido e eficiente

"Resenha Musical"

nos Estados Unidos

"RESENHA MUSICAL" não apenas percorre os rincões do nosso Estado como ultrapassa os seus limites e, ainda, vai para mais longe. A sua marcha progressista é em sentido vertical e horizontal. Marcha ascensional, ininterrupta. Confirmam a divulgação da "RESENHA MUSICAL", estas palavras do prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, enviadas de New-York, ao nosso Diretor que a seguir transcrevemos:

Meu caro Clovis.

Tenho recebido sempre, e dado o melhor destino aos excelentes numeros da "RESENHA MUSICAL" que você me tem enviado. Ela está ficando uma revista verdadeiramente exemplar. A capa, agora está ótima. Aconselho você a conservá-la, mudando só as cores. Na disposição das páginas internas e no texto, também, o progresso é evidente. **Você não imagina o sucesso que essa publicação faz aqui. Ainda há poucos dias, em Filadélfia, num Congresso de Bibliotecários de Música, o relator que falou sobre as edições latino-americanas recomendou a sua assinatura a todas Bibliotecas do país".** (1)

— Estas palavras escritas a 2-1-41, vieram reforçar o nosso entusiasmo no prosseguimento desta obra patriótica que é, inegavelmente, a manutenção desta revista, o maior veículo de propaganda artística do país e única revista do gênero da imprensa nacional.

Como resultado da recomendação no Congresso de Bibliotecários, a "RESENHA MUSICAL" teve a satisfação de ver enscritos, incontinenti, como assinantes, as duas mais importantes Bibliotecas dos Estados Unidos da América do Norte:

Library of Congress de Washington e Pan American Union, Washington.

(1) O grifo é da Redação.

Visita do Presidente da Academia Brasileira de Letras, sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, a "Resenha Musical"

"RESENHA MUSICAL" a 11 do corrente, teve a honra de receber a visita do insigne Embaixador José Carlos de Macedo Soares, digníssimo Presidente da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Dado os méritos incontestáveis que possui o ilustre diplomata patricio não só pela posição de liderança que ocupa no cenário nacional como, também, pelo alto conceito que goza no exterior, foram a S. Excia. conferidos, pelos governos do Brasil e estrangeiros, numerosos títulos honoríficos.

O sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, com justiça cognominado o Chanceler da Paz, foi o maior fator para a terminação, em 1935, da guerra entre a Bolívia e o Paraguai, recebendo ao regressar da Argentina, uma verdadeira consagração do povo brasileiro; quando S. Excia. visitou oficialmente o Chile, em 1936, e os Estados Unidos, em missão especial por ocasião da posse do Presidente Roosevelt, em seu 2.º mandato, foi recebido, em ambos países, com honras de Chefe de Estado; ex-Ministro das Relações Exteriores e ex-Ministro da Justiça, chefiou a Delegação do Brasil à Conferência do Desarmamento, à 16.ª Conferência Internacional do Trabalho, à Conferência Comercial em 1935 em Buenos Aires, à Conferência Roosevelt (Buenos Aires — 1936); é Membro da Comissão Brasileira para Codificação do Direito Internacional; Membro da

Academia Internacional de Diplomacia; Membro da Academia Paulista de Letras, Diretor da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e da "São Paulo" Companhia Nacional de Seguros de Vida; Sócio Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Sócio dos Institutos do Amazonas, Pará, Sergipe, Paraná e Petrópolis; Doutor "honoris causa" da América Catholic University, dos U. S. A. e da Universidade de São Paulo; Professor da Faculdade de Direito da Universidade Católica; ex-Secretário do Interior do Estado de São Paulo; Presidente de Honra das Associações Comerciais de São Paulo, Campinas e Botucatu.

Dentre as condecorações conferidas ao Embaixador Macedo Soares, destacamos:

Gran-Cruzes: — Ordem de Leopoldo (Bélgica); S. Martinho e São Lázaro (Itália); S. Gregório Magno (Vaticano); Santo Sepulcro (Vaticano); Legião de Honra (França); "O Mérito" (Áustria); Coroa da Itália; Ordem Militar de Cristo (Portugal); El Sol de Perú (Perú); El Mérito (Chile); El Condor de los Andes (Bolívia); da Cruz Vermelha da Alemanha; Ordem do Jade Brilhante (China); Ordem "Al Mérito" (Equador); Ordem de Boyacá (Colômbia); Grande Oficial: — Mérito Naval (Brasil); Mérito Militar (Brasil); Grande Oficialato do Paraguai; Comendador: — S. Tiago (Portugal); Medalhas: — da The Pan American Society (U. S. A.); de Nossa Senhora de Lo-



Aos distintos Directores
da brilhante e
"Revista Musical"
cf. João Carlos de Mello Soares.

reto; Comemorativa do Cincoentenário da Proclamação da República Brasileira, e muitas outras.

O sr. Embaixador Macedo Soares após ter apreciado devidamente vários exemplares da "RESENHA MUSICAL", teve a gentileza de consignar no livro de visitas a brilhante apreciação que a seguir transcrevemos:

"RESENHA MUSICAL" HONRA A CULTURA BRASILEIRA E DIGNIFICA OS SEUS INTELIGENTES E DEDICADOS DIRIGENTES

(a.) José Carlos de Macedo Soares

São Paulo, 11-III-1942.

Estas palavras do sr. Embaixador Macedo Soares que denotam admiração sincera pela "RESENHA MUSICAL" não sintetizam o apóio inestimável que nos prodigaliza um gran-

de brasileiro mas, também, honroso estímulo ao esforço que a Direção desta revista vem dispendendo na realização das diretrizes que foram traçadas visando objetivos elevados e nobilitantes de que tem dado prova com os seus quatro anos de divulgação artístico-musical do Brasil difundindo entre nosso povo o gosto pelas obras dos artistas brasileiros fazendo da nossa música um fator de nacionalização concretizado no lema:

.. "NACIONALIZAR, INSTRUIR E EDUCAR PELA MÚSICA E PELO IDIOMA DO BRASIL"

A Direção de RESENHA MUSICAL agradece sensibilizada a visita do sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, prestando a S. Excia. esta merecida homenagem certa de que homenageia na pessoa do notável e digníssimo Presidente da Academia Brasileira de Letras, o mundo intelectual, social e político da nossa Pátria!

D. Kopenhagen

FILIAL NO RIO:

R. Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:

R. Dr. Miguel Couto, 28 e 41

Telefone 3-3406

Filial: R. Barão de Itapetininga, 92

Tel. 4-39.46

FABRICAÇÃO

DE

ESPECIALIDADES

EM

MARZIPAN

E

Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40

Fone 2-2336 — S. PAULO

RUA FREI GASPAR N.º 39

Fone 4-476 — SANTOS

Inpressões Norte Americanas

Prof. Luiz Heitor Corrêa de AZEVEDO

Catedrático de Folclore da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

(I, II e III no número de setembro 1941; IV, V e VI no de Janeiro 1942; VII, VIII e IX no de fevereiro de 1942)

(Colaboração especial para "Resenha Musical")

Washington, D. C., 18 de Janeiro de 1942

Já havia sido um custo para chamá-lo ao telefone. Eu dizia, muito claramente: **Brother Alfred Oswald**; mas, do outro lado da linha, o meu interlocutor parecia não conhecer ninguém com esse nome; chamou outra pessoa ao aparelho; fizemos novas tentativas; afinal tudo se aclarou. Nos Estados Unidos ele não era **Oswald**, como no Brasil; mas **Osuald**. E naquele colégio Jesuítico ninguém o conhecia por **Brother Alfred Oswald**; mas simplesmente por **Brother Osuald**. Depois de uns dez minutos de espera, como é de praxe nos telefones convencionais, em todo o mundo, tive-o a falar comigo. A princípio experimentamos em inglês. Mas ele não entendia bem, pelo telefone, o meu péssimo inglês e propus-lhe passássemos para o português. Ele cautelosamente objetou que não sabia se isso lhe seria possível, pois durante anos inteiros não dava uma palavra de português. Mas acedeu. E quando ouvi as primeiras frases que ele disse em nossa língua, tive um movimento de surpresa; porque a sua pronúncia não tinha nenhum sotaque inglês, mas aquela ligeira intonação italiana tão característica, e tão familiar, para mim, do falar de D. Mima, de D. Sissy ou de Carlos Oswald. Ele falava, exatamente, como todos os seus irmãos. Conversamos um pouco e combinamos a minha vi-

sita ao Colégio para o dia seguinte de tarde.

Eu não tivera a fortuna de conhecê-lo, pessoalmente, no Brasil. Há uns 13 anos passados, quando toda a imprensa noticiou, com sensacionalismo, a sua entrada para a Companhia de Jesús, eu iniciava, apenas, a minha vida profissional, e tinha ainda muito poucas relações nos círculos artísticos. Só algum tempo depois vim a conhecer Henrique Oswald; e só em época relativamente recente passei a manter relações mais chegadas com D. Sissy e esse excelente Mário Alfieri. Ela repetidas vezes me pedira para visitar o irmão, domiciliado nas proximidades de Washington. Escrevera-me, para cá nesse sentido; e escrevera, também, a ele.

Entem, pois, depois de uma manhã de trabalho na **Library of Congress** e de um frugal almoço na **W & S Cafeteria**, para lá me dirigi, de acordo com o combinado pelo telefone. Tomei o ônibus de **Rockville**, na calçada lateral dos **National Archives**, e pedi ao motorista que me indicasse a **Georgetown Preparatory School**.

Era uma tarde clara de inverno, com pouco frio e uma fina luminosidade descendo do céu azul e pondo um tom risonho em todas as coisas. O ônibus, completamente lotado, deslizava pelas intermináveis ruas de Washington, monótonas, no centro; tão pitorescas e com

tão novas perspectivas quando alcançam as zonas residenciais. Passada a **District Line**, que confina o **District of Columbia**, onde se acha a capital norte americana, com o Estado de Maryland, principiámos a rodar em pleno campo, entre grandes propriedades, sítios cultivados, estabelecimentos industriais, pequenos povoados. Numa reta, depois do Hospital da Marinha, em construção, o motorista me indicou a **Georgetown Preparatory School**: à esquerda, bem afastados da estrada, 3 ou 4 edifícios, em tijolos vermelhos, com pórticos e colunas brancas, na arquitetura colonial tão frequente nestes Estados do Sul.

Brother Oswald se fez esperar apenas uns 5 minutos. E apareceu sorridente, baixo, gordalhufo, cabelos acentuadamente grizalhos, feições envelhecidas, irreconhecíveis para quem, como eu, esperava encontrá-lo como nos retratos de mocidade que havia visto, e que falavam de um jovem de feições finas e olhar expressivo, lábios marcados por um discreto bigode alourado. Mas a flama de seu olhar não devia ter diminuído de intensidade; nem a agilidade do seu espírito sempre alerta, pronto para pilhar, tudo revestindo de bom humor e de tolerante compreensão.

Este homem que estava conversando comigo no parlatório da **Georgetown Preparatory School**, era, pois, Alfred Oswald, filho do grande Mestre Henrique Oswald, pianista famoso, dedicatário de mais bela e da mais célebre coleção de peças pianísticas compostas por Villa Lobos (a série das 16 **Cirandas**), ex-professor no **Feabody Conservatory of Music**, de Baltimore, que é uma das grandes escolas de música deste país. Uma vocação tardia levou-o a vestir a roupeta jesuítica, abandonando a brilhante carreira e o lar felicíssimo pelas renúncias de um laicato sob as regras da Companhia.

Não se pode dizer que ele tenha abandonado a Música, pois num grande piano de cauda, colocado numa das extremidades do refeitório, ele dedica todas as noites pelo menos uma hora à execução do seu repertório. E é o professor de música do Colégio. E é o diretor musical e o organista da Capela. A essas funções acrescenta as de professor de desenho (os seus

íntimos sabem muito bem que, desde a mocidade, ele cultivava a pintura como passatempo) e zelador da capela.

Depois de conversarmos algum tempo no parlatório do Colégio, passando em revista todos os seus velhos conhecidos do Rio, dos quais ele pedia notícias, saímos para visitar a capela, da qual ele tem um indisfarçável orgulho. **Brother Oswald** se admirava do número de gente nova, da qual eu lhe falava, e sobre a existência da qual ele não tinha a menor idéia. Para ele a nossa música e os nossos músicos deviam ser ainda, os que conhecera a 20 anos passados...

Caminhávamos pelos claros corredores do colégio. A **Georgetown Preparatory School** é um pequeno internato de tipo aristocrático, destinada a meninos de famílias ricas, que lá vivem como pequenos príncipes, habitando quartos particulares, arranjados com esmero, e comendo num refeitório que mais se parece ao salão de jantar de algum hotel do que a uma dependência escolar. O edifício principal, no qual nos achávamos, era uma velha construção, anterior à Guerra Civil, de aspecto venerável, mas perfeitamente conservada. Ao seu lado, exteriormente guardando o mesmo estilo, ergue-se a capela, doação de uma milionária ao patrimônio do colégio. **Brother Oswald** conta-me toda essa história e enumera as qualidades de mármore diversos que chapeiam as paredes internas e circundam as grandes colunas. Estilo tipicamente jesuítico, vagamente renascentista, com excessiva aplicação de mármore e de detalhes arquitetônicos. Mas tudo autêntico, reluzente, dispendioso. Um magnífico órgão, com uma das **consoles** num dos oratórios laterais, recebe, diariamente a inspiração do irmão-músico. E ele me conta que quando Guilomar Novais Pinto ou Burle Max o visitam, gostam muito de sentar-se ao órgão, para "brincar". Quanto a ele, prefere o piano. "Este é um instrumento mecânico, sem alma — diz; não vibra sob os dedos da gente, como o piano". Evidentemente não se pode julgar o órgão através das opiniões dos pianistas.

Na sacristia mostra-me os paramentos. Depois saímos.

Sobre a sotaina, ele tem um sobretudo de lã,



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano **BRASIL** reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

S. A. NARDELLI

Pianos Brasil

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMÉSSA DA NOSSA REVISTA.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	20\$000
Idem, semestral	12\$000
N.º avulso c/ suplemento	3\$000
Suplemento avulso	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de **RESENHA MUSICAL**, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

Visitem a nossa secção de **TAPEÇARIA**

Cortinas — Tapetes — Moveis
Preços Economicos

PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254
S. PAULO
RUA QUITANDA, 157
SANTOS

MODAS
para
HOMENS
e
SENHORAS

**OTTO
MEIER**

RUA CAIO PRADO, 375 TEL. 4-0397-S. PAULO

Especialista em calças para praia,
esporte, hípico, etc. — Confeção
fina de vestidos, manteaux e tailleurs

**Suportes
Siebner**
ORTOPEDISTA

Flexibilidade
Carateristico
dos nossos suportes

Um alivio para o
mal-estar dos seus pes.

**RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089-S. PAULO**

PIANOS DE QUALIDADE

Compra e Venda

Casa ALBINO DE MORAIS

RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, 69 — TELEFONE 2-5096

A CASA QUE VENDE OS MELHORES PIANOS

grosso. E na cabeça um chapéu de feltro. A tarde está menos luminosa. Mas assim mesmo batemos algumas fotografias, nos grandes relevados defronte do Colégio. E aproveitando o todos os concertistas enriquecido seus programas com suas mimosas e inspiradas páginas; automóvel do Padre Reitor que está a sair para Washington (pois até Washington temos uma pequena viagem), nele embarcamos. **Brother Oswald**, a princípio, não quer ir, pois está de sotaína, e nos E. E. U. U. não é uso os religiosos usarem sotaína na rua. Mas acedendo à insistência do Reitor ele a suspende, de sorte que as calças apareçam por baixo do sobretudo, e senta-se ao meu lado, continuando a vivíssima e alegre parolagem de antes.

O automóvel desliza, agora, pela estrada, e em pouco tempo estamos em Washington. A linha familiar da grande cidade administrativa aparece aos nossos olhos: a imensa cúpula do Capitólio, o **monument**, o longínquo **Lincoln Memorial**, espelhando-se nas águas imóveis do reflexivo pool.

À noite a cúpula do Capitólio e o **monument** não estarão mais iluminados, pois Washington, agora, durante a guerra, não é mais aquela cidade sorridente e com um certo ar provinciano que conheci no verão de 1941. Pelos seus parques intermináveis, que não mais apresentam aquele aspecto de bosque estival, frondoso e ensombrado, já não se veem transeúntes despreocupados, grupos praticando esportes, casais aconchegados nos bancos. Há inverno na natureza, e inverno nos corações.

Washington é agora uma cidade enervada e congestionada pelo excesso de população. É um inferno atravessar uma rua. E nunca há mesas livres nos restaurantes. Só se vê gente apressada e a preocupação se estampa em quasi todas as fisionomias. No balcão em que habitualmente tomava o meu **breakfast**, a menina que o servia já não tinha aquele ar plácido e sorridente de antigamente; está, talvez, apreensiva com um **boy** que partiu para alguma frente de guerra; e em seus olhos há susto e sofrimento.

A calçada fronteira da **White House**, sempre cheia de turistas a fotografarem a residência

presidencial, e onde, através das grades, os esquilos do grande parque vinham comer amendoim na mão dos transeúntes, e os pombos chegavam-se confiadamente à gente, para o mesmo fim, já não se pode passar. Barricadas de emergência foram construídas e os guardas civis foram substituídos por sentinelas de armas embaladas a darem ronda pelo passeio deserto. O velho italiano que vendia pacotinhos de amendoim na esquina de **16th Street** mudou-se desconsoladamente a sua carrocinha para o outro lado da praça. Em Washington só se pensa na guerra.

E assim será até o dia em que novamente a cúpula simbólica do velho Capitólio e a silhueta afilada do **Washington Monument** voltarem a receber a luz dos refletores, em tempos que não de vir, quando a prova estiver passada, e o triunfo dos povos livres tiver assegurados à nossa América e às nações oprimidas de todo o mundo, o gôso de uma vida como nós a entendemos, e como longos séculos de aperfeiçoamento da humanidade nos ensinaram que ela devia ser.

N. da R. — Com a publicação deste artigo, fica concluída a brilhante série de "Impressões Norte Americanas" da autoria do nosso ilustrado colaborador prof. Luis Heitor Corrêa de Azevedo.

Casa Jack

Al. Barão de Limeira, 19
(Esq. Pr. J. de Mesquita)

Telefone 4-4803



Permanentes a Oleo e Vapor
Manicures



Especialidades : PINTURAS
Aparelhos Modernos - Serviço
Bom e Rapido



SERVICOS DE MESA
Crystaes de Mesquita

CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS MODELOS
 ACCEITAM-SE PEDIDOS DO INTERIOR PARA
 DESPACHO URGENTE E GARANTIDO

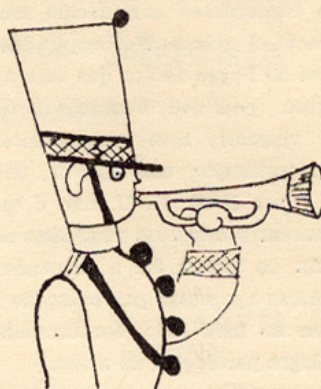
SECÇÃO DE VAREJO

RUA DO CARMO, 427 (Antigo 71)
 TEL. 2-7545 — SÃO PAULO

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —

(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos
 batalhões infantis”

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA
 MUSICAL” ou às melhores casas de
 — música —



Joalheria e
 Lapidação
 Paulistana

de PEDRAS
 PRECIOSAS

Ricardo Kroeninger

Riquíssimo sortimento em
**PEDRAS PRECIOSAS E
 SEMI-PRECIOSAS**
 cravadas e soltas.

Executam-se com a maior perfeição
 todos os serviços do ramo.

Telefone: 4-1083

Rua Xavier de Toledo, 54
 (em frente ao prédio da Light)

BANG

é capa



MATRIZ:

PRAÇA DA SÉ, 403

Telefone: 2-6667

SÃO PAULO

Artur Pereira

Um compositor Brasileiro

Prof. Clóvis de OLIVEIRA

É um artista verdadeiramente artista. Despreocupado com as fantasias exteriores e efêmeras dêste mundo, vive longe, em um mundo íntimo, onde não impera a vaidade, não encontra guarida a inveja, não infama a intriga. Em seu espírito só atribulam preocupações concernentes a sua existência afanosa.

Laborioso desde a juventude, junto com seu saudoso irmão Romeu (1) — excelente musicista que a morte arrebatou prematuramente em pleno vigor do talento — realizou o seu primeiro concerto no Teatro Municipal de São Paulo em 1915. Como pensionista do Estado de São Paulo, esteve, na Itália onde cursou com brilhantismo o Real Conservatório de Nápoles, que preferiu para aperfeiçoar seus estudos. Após o período de 1915 a 1923, passado na Europa, regressou para sua terra natal, integrando, até hoje, o corpo docente do Conservatório D. e Musical de São Paulo, onde é figura de notável relêvo pela respeitável cultura que acumulou. Laborioso no magistério que exerce com verdadeiro sacerdócio, o é, também, em seus estudos e em suas produções. Sua bagagem artística é enorme. Devido ao temperamento retraído que possui, sempre voltado para afazeres de arte, não procurou e nem procura divulgar sua obra publicando-a ou fazendo executá-la, absolutamente. E podemos afirmar que todas as publicações e execuções de suas músicas levadas a efeito até esta data, são frutos do real valor musical e artístico das mesmas, altas distinções a êle conferidas pelos nossos regentes, professores, concertistas e editores. Por ocasião dos festejos do Bi-Centenário de Porto Alegre, realizados em Novembro de 1940, o renomado maestro Camargo Guarnieri — que tem sido ardoroso propagandista de suas produções — incluiu duas jóias "DANSA BRASILEIRA" e CANÇÃO DE NINAR", de Artur Pereira, no programa do

grande concerto sinfônico que dirigiu. E a crítica da Capital gaúcha elogiou-as francamente.

Das composições do ilustre brasileiro, citamos: SONATA para violino e piano; SEIS PEÇAS MONOTONAS SOBRE TEMAS DO FOLCLORE BRASILEIRO (para piano); TRÊS ESTUDOS BRASILEIROS (para piano); o 1.º dos quais editado e reeditado pela "RESENHA MUSICAL"; os outros estão inéditos); INTERLÚDIO PARA UM BAILADO INFANTIL, para orquestra; QUINTETO para piano e cordas; MISSA DE GLÓRIA, para solo, cântico e orquestra; POEMA DA NEGRA (versos de Mário de Andrade), para canto e orquestra; CANÇÕES POPULARES BRASILEIRAS, para cântico e orquestra; orquestrou diversas SONATAS de Scarlatti, já executadas na Paulicéia; uma transcrição e harmonização livre para piano do PRESTO da XII Sonata para violino, de Pergolesi: tem em disco ME4, da Discoteca do Departamento de Cultura de São Paulo, duas peças "TENHO UM VESTIDO NOVO" e "CABOCLO BONITA", pelo Coral Paulistano, sob a regência do maestro Camargo Guarnieri; uma ópera inacabada "Beatrice"; "LUNDÚ DO ESCRAVO" e CANÇÃO DE RODA". Publicou mais: CABOCLO BONITA e CAPIM DA LAGOA (coros); INTERLÚDIO PARA UM BAILADO INFANTIL (p. piano), todos suplementos da revista "RESENHA MUSICAL".

Em Artur Pereira o sentimento de brasilidade, pelos ritmos e temas, qualifica superiormente a cunhagem nacionalista de suas composições. Pertencendo a geração dos compositores de hoje, vanguardeiros de nossa arte, a sua música é ornada por delicadas filigranas onde a dissonância é sutil; o tema caboclo, nacarado; o ritmo, bordadura hábil.

Quasi todos os regentes que têm passado por São Paulo, têm distinguido a obra de Artur Pereira com particular interesse; quasi todos os professores admirado sua faceta ceta de mestre e quasi todas as editoras do país disputado uma página, ao menos originária desse fecundo tesouro de riquezas musicais que é sem dúvida a obra desse grande compositor brasileiro.

(1) — Romeu Pereira estudou no Conservatório de S. Pietro Magiella de Nápoles. Nasceu em São Paulo em 3 de Setembro de 1895 e faleceu em Nápoles, em 29 de Outubro de 1918.

Empresa

Construtora Universal

Filiais em todos os Estados e Agências no interior

Rua Libero Badaró, 103-107 — Telefone 2-4550

End. Telegr.: "Construtora" — Caixa Postal 2999

— São Paulo —



ORCHIDEA.

Schmidt

ORQUIDEAS
BRASILEIRAS
E
ESTRANGEIRAS

VISITAI MEUS ORQUIDIARIOS

Rua Augusta, 2786 — Tel. 8-3679 ou Av. Adolfo Pinheiro, 4720
SÃO PAULO

Música para unir as Americas

J. Leon DUDDICK

(Presidente da Divisão do Centro-Norte, da "Music Educators National Conf.")

As Américas, estendendo-se da Islândia à Terra do Fogo, do ártico ao antártico, expandindo-se no equador, povoadas com descendentes dos aborígenes e de vários grupos raciais, de vária nacionalidade, oriundos do outro hemisfério, com culturas tão variadas como sua geografia; com recursos em abundância aparente e potencial, — isto é as Américas.

Um simples obelisco de pedra bruta eleva-se perto de Rugby, na Dakota do Norte, marcando o centro geográfico da América do Norte, — o centro da América do Norte quasi em nossa fronteira septentrional! — mas, nós estamos mais perto da América do Sul do que eu penso!

Ainda mais, um pedaço substancial do Continente Sul-Americano jaz na metade septentrional do hemisfério. A localização é relativa; por comparação, as distâncias se encolhem: a perspectiva é estabelecida por comparação.

É fascinante tocar, com o pensamento que dois polos, marcando os centros das Américas do Norte e do Sul não estariam tão largamente afastadas, apesar de tudo, — e que os polos que marcassem os centros dos Estados Unidos e da América do Sul estariam sem dúvida mais juntos.

A música toma um lugar importante entre os laços de parentesco cultural, menos obstruído por diferenças na linguagem, organização social, e religião do que alguns

outros: — um campo comum para o encontro de idéias.

Nós embebemos livremente de depósitos musicais de outros continentes: assim o fizeram também nossos vizinhos, para o sul e para o norte.

Nós procuramos expressão musical, nossa própria, lentamente algumas vezes, mas sempre genuína — assim o fizeram nossos vizinhos.

Nós gostamos de sermos julgados, não só como um "melting-pot" de idéias musicais, mas pela nossa própria contribuição nacional para a arte — assim também pensam os nossos vizinhos.

Nós temos nossa música popular, arte musical, e música de becos — assim também nossos vizinhos.

Qualquer um, ao fazer uma pesquisa seria empoz música autêntica Latino-Americana, sente um desencorajamento inicial, por duas razões: primeiro, a confusão criada pelo uso promiscuo, feito pela "música de sargeta", de ritmos insinuantes de música Hispano-Americana, com muitos poucos compositores sul-americanos representados; segundo, a impossibilidade de discernir a extensão da influência da Europa continental na arte musical da América do Sul.

O mesmo, porém, é verdade em nossa própria música americana.

Nossa herança representa uma mistura

de melodias Nórdicas, latinas, asiáticas, e africanas. A dêles é quase a mesma, com maior parcela de latina (espanhola) e africana.

Podemos nós estar certos de encontrar algures nacionalismo puro? Possivelmente, só na música popular. Podemos nós aceitar a música latino-americana como genuína, simplesmente quando é escrita por compositores nativos, quer êles exprimam suas idéias musicais através de um idioma nacional, quer não?

Sim, podemos: de fato, não há alternativa. Ainda mais, não é necessário para música ser fortemente nacional no sentimento, para formar uma base para entendimento internacional.

Os interesses comerciais nos proveram de considerável música latino-americana, tipo de café-concêrto, mas pouco de música autêntica, popular ou artística, tem sido feita que seja aproveitável.

Sob o patrocínio do gabinete do Coordenador dos Negócios Inter-americanos, e do Departamento de Estado, a União Pan-Americana, através de sua Divisão de Música Inter-Americana está dirigindo um inquérito e projeto educacional, que trará juntamente, autênticas músicas populares e artísticas das 21 repúblicas filiadas.

Um comité M. E. N. C. foi convidado a realizar uma relação, a título consultivo, sobre música seleta, susceptível de aplicação a fins educacionais. (*)

De uma lista de cerca de 3.000 títulos, os consultores da União Pan-Americana escolheram umas poucas dúzias, que foram submetidas ao comité do M. E. N. C. para a escolha final de música susceptível de uso escolar.

A música para nível elementar, e para alta-escola e para grupos vocais de colé-

gios, bandas, orquestras, conjuntos instrumentais e vocais, foi revista

Através dêste processo musical, os educadores terão uma lista limitada de música vocal e instrumental da América Latina, selecionada cuidadosamente, para uso na sala de aula, com produções dramáticas, para fins de concêrto.

Obras de compositores agora desconhecidos, muitos dos quais contemporâneos, tomarão seu lugar como representantes da música latino-americana, e emissários da boa vontade.

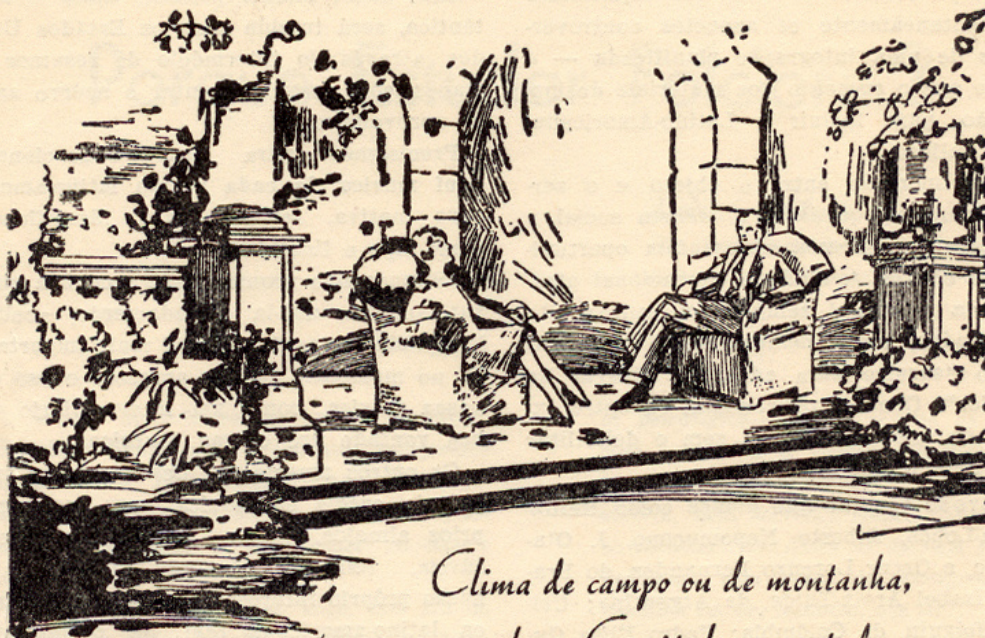
Podemos estabelecer interessantes paralelos no desenvolvimento da música nas Américas. A dependência para com a Europa, em relação à educação e preceitos, as apalpadelas à procura de um estilo nacional, algum uso de materiais populares em foras artísticas, o forte uso de recursos rítmicos — técnica em vários graus de maturidade — o quadro é semelhante na América do Norte e na do Sul.

Nós podemos saber que nossa música está mais altamente desenvolvida, que há mais retumbante uso de música nos Estados Unidos, que a música nas escolas públicas, como o conhecemos, não é dominante na América do Sul, que alguns esforços de compositores Latino-Americanos parecem muito simples e diretos, mas devemos tomar sua música pelo que ela é, — a expressão de um povo ou a voz da arte nas repúblicas vizinhas, tôdas elas americanas.

Disto eu estou certo: a familiaridade com a música real Latino-Americana, não é apenas uma experiência interessante, mas deveria ser uma parte do acervo básico de conhecimento normal para cada professor de música da América do Norte.

Quem pode prevêêr o efeito das forças naturais integralizantes, postas em ação através da música?

(*) Sob a direção de Charles Louis Seeger, Chefe de Divisão da Música, da União Pan-Americana, Henry Cowell e Richard Franko Goldman serviram como consultores musicais na seleção da música para ser submetida ao comité M. E. N. C., composto de Gleen Gildersleeve, Richard Grant, A. R. McAllister, Lorrain Watters, e J. Leon Ruddick.



Inscrições Ns. 8, 11 e 14, nas 26, 44 e 58 Circ.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim — América
ou no
Pacaembú*

*— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912

89. RUA LIBERO BADARO

Falando em integração — esta força intangível, que aperta a personalidade, individual e coletiva, em uma sala de aula ou no corpo político — se nós esquecermos momentaneamente os aspectos controversos de uma integração planejada — é óbvio que o aumento dos materiais de instrução, para incluir a Latino-Americana, será valioso.

A cooperação entre o objeto e o serviço será enriquecida; a ciência social a linguagem, o drama apresentam oportunidades óbvias. A unidade educacional através da música é sempre um pensamento norteador, mais modestamente expresso como “serviço para educação através da música”. Oxalá o pensamento encontre expressão onde ele quiser, sem o delibitar por uma promoção.

Deve-se esperar que nomes como Heitor Villa-Lobos, Alberto Nepomuceno, J. Otaviano, e Oscar Lorenzo Fernandez, do Brasil; Izabel Aretz-Thide, da Argentina; Uribe Holguin, da Colômbia; Pedro Elias Gutiérrez, da Venezuela, Teodoro Valcarcel, do Peru; Amadeu Roldan, de Cuba; e R. Castillo, da Guatemala, sejam conhecidos por professores e alunos de nossas escolas e colégios, como compositores representativos das outras Américas.

Com o auxílio de musicólogos, serão feitas

adições a esta lista, como uma consequência de uma pesquisa cuidadosa por pessoas qualificadas.

Além disso, música popular, típica e autêntica, será trazida para os Estados Unidos, através do intermédio de resumos e transcrições, para aumentar o acervo agora aproveitável.

Precisamos para usos educacionais aqui música de cada região latino-americana, nativa, representativa, identificada como tipo e finalidade.

Estamos nós prontos para recebê-la simpaticamente, usá-la avisadamente, aceitá-la agradecidamente? Isto é mais importante, no momento, do que apressar o uso de nossa música, como um intermediário de boa vontade nas outras Américas.

Os outros americanos deverão fazer sua própria escola de música, para seus próprios almejos, — uma escolha que, sem dúvida, refletirá interesse recíproco, se nosso próprio interesse em relação à música latino-americana real, de preferência à pseudo-música for desenvolvido como poderá se-lo.

Isso é mais do que um gesto de boa vontade. Pode ele importar na União Americana Através da Música?

(Transcrito do “MUSIC EDUCATORS JOURNAL” Jan. 1942)

Irene Mauricia de Sá

Professora de Piano

Rua 7 de Abril, 364 — apt. 2

Dr. Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.

R. João Bricola, 10 - 5.º, - s. 534-535

Fone: 2-3314

SEU RADIO TEM DEFEITO ?

Concertos garantidos a preços módicos peça orçamento à

Radio Técnica Schultz

Rua Major Sertório N.º 209

Telefone: 4-4568

S. PAULO

Auro Soares de Moura Andrade

ADVOGADO

Largo da Misericórdia, 23, 10.º andar,

salas 1004/6 — Fone 2-5730 (Edifício

“Ouro por São Paulo”) — S. PAULO

Porque Estudar Folclore ?

Dalmo Belfort de MATTOS

(Da Faculdade de Direito, e da Sociedade de Etnografia e Folclore)

O estudo do folclore desenvolve progressivamente. Realizam-se frequentes Congressos Internacionais. Trata-se de unificar a nomenclatura, racionalizar o método cartográfico, localizar precisamente as ocorrências, no espaço e no tempo.

Pode parecer estranho, ao leigo, esse afã de pesquisar as concretizações populares da "cultura".

E subcreverão, por certo, os conceitos do pensar de Tobias Barreto, em suas críticas, severas a Sílvia Romero:

"Só compreendo o valor da poesia popular como matéria assimilável às normas e conceitos da poesia culta, por intermédio de espíritos superiores... Deixemo-nos, pois, de ilusões. A poesia popular é uma digna irmã da soberania popular. O epíteto adicionado a uma e outra palavra mesquinha e transforma o conceito de ambas..."

E subcreverão, por certo, os conceitos do filósofo teuto-sergipano, quando afirma que elas são

"sem interesse estético, porque nelas em geral, a beleza brilha pela ausência; sem interesse histórico, porque o povo poetizante nada tem que ver com o processo evolutivo da história; sem interês-

se psicológico-nacional porque as canções populares, a despeito de todas as tentativas feitas nesse sentido, ainda não servem, nem servirão jamais como traço característico desta ou daquela nacionalidade; esse resto de vertigem romântica há de, também, acabar".

Nada mais falso, entretanto, Prova de que não se tratava de "efeitos transitórios" do Romantismo, temê-la na torrencial bibliografia folclórica dos últimos tempos. Prova de que não era um resto de "vertigem romântica", temo-la no êxito do Congresso de Paris, reunido em 1937, cem anos após o apogeu do lirismo sentimental de Heine, e dos devaneios musicais do Weber.

O folclore é, hoje, uma ciência. Possui interesse estético, histórico, psicológico-nacional, mal grado as afirmações do autor dos "Ensaíes e estudos de filosofia e crítica":

1.º — ESTÉTICO — enquanto fornece material à elaboração erudita dos escritores (p. ex. — Mário de Andrade — "Macumalna", aos músicos (como Marcelo Tupinambá — "Maricota, sai da chuva"; Hecker Tavares — "Saci pererê"; Valdemar Henrique e Paulo Bopp — "Cobra Grande).

2.º — HISTÓRICO — quando documenta migrações, explica levantes, etc. — o motim dos malês em 1838, que ensanguentou a cidade da

Baía, ou quando completa documentos, esclarece atitudes coletivas.

Já o compreendera, aliás, EDMUND SPENSER, em 1595 ao dizer, em sua "View of State of Ireland", pag. 478:

"By these old customs, the descent of nations can only be proved, where other monuments are not remainig" (ap. GEORGE LAURENCE GOMME - "Folklore as an historical science") (1)

3.º) — INTERESSE PSICOLÓGICO-NACIONAL — quando delimita as fronteiras étnicas e sentimentais, que separam os povos.

O folclore apresenta, ainda, um interesse **arqueológico**, quando busca reconstruir as civilizações pre-históricas. E **apologético**, quando faz resaltar uma crença; seja em um monoteísmo primitivo (Urmonotheismus), anterior às formas politeístas da antiguidade, como ensina Frobenius. Ou na Trindade (vide DOTTIN — "La religion des Celtes"), ou ainda, no dilúvio (consulte-se "El dilúvio en la tradicion incaica" de Ernesto Morales, na "Prensa" 8-6-30). É apologético, ainda, quando serve como subsídio para provar a veracidade das informações bíblicas sobre os costumes da Palestina (The ivories of Samaria).

Apresenta interesse para a **psicologia individual**, enquanto realça o papel do sub-consciente, nas concretizações da cultura. E para a **Geografia Humana** quando, pela localização de "elementos culturais homólogos e análogos", permite o traçado das "linhas iséticas", já empregados por F. Ratzel.

Van Gennep reúne a estes fatores científicos de interesse, 2 elementos políticos de primeira ordem: os **nacionalismos** e os **separatismos**. (2)

Uns e outros fundam-se no "Princípio das

nacionalidades", formulado por Mancini, adotado na Conferência da Paz de Versailes para a remodelação territorial da Europa. E proclamado por Oppenheim, Le Fur, Spiropoulos, e outros internacionalistas de valor.

A cada nação deve corresponder um Estado soberano — tal é o lema dos irlandeses, croatas, macedônios, montenegrinos, georgios, armênios e ucranianos, bascos e catalães, na luta pela independência política.

"As minorias étnicas devem reunir-se aos países onde seus irmãos de raças e de cultura constituem elemento dominante" — tal é a divisa de todos os panismos", na técnica de Karl Strupp. (Pan-germanismo, dos nazistas, pan-slavismo czarista e soviético, pan-islamismo — pregado pelo grande mufti de Jerusalém; pan-arabismo, cujo estandarte foi levantado pelos reis do Hedjaz, etc.).

Existe nacionalidade, no dizer de Mancini, quando coexistem os elementos: 1.º) superfície; 2.º) população; 3.º) raça comum; 4.º) línguas únicas; 5.º), 6.º) e 7.º) identidade de religião, de tradições, de leis e costumes; 8.º) consciência da nacionalidade.

Ora, só o folclore pode fornecer elementos comprobatórios da identidade de costumes, e tradições culturais comuns. Daí, sua importância na fixação das fronteiras balcânicas, como recorda Van Gennep.

Daí também, haver o Presidente Aguirre — chefe dos separatistas bascos, enviado à Inglaterra, como emissário do governo euzkadi um sacerdote incumbido de vulgarizar o cancionário pátrio. Mostrando sua diferença radical com as melodias espanholas. E isto, quando a luta referia já nas frentes de Guipuzcôa e Alava, e os nacionalistas haviam atingido a cidade de Eibar, em pleno coração das províncias vascas. (Fevereiro de 1937).

(1) — O estudo comparado dos cancionários das revoluções paulistas de 1842, 1924 e 32 explicariam, à mingua de outra documentação, as repercussões diversas que tiveram na massa popular. E o porque da resistência estupenda oferecida pelos soldados da Lei.

(2) — Os outros motivos seriam o romantismo e o desenvolvimento das comunicações, bem como a formação de impérios coloniais.



GLUCOSE GERA ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL
LIQUIDO
NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS
E NAS FARMACIAS CATEDRAL:
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30



SEGUROS DE VIDA

na

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida

Sede: Rua 15 de Novembro, 330, 4.º andar

SÃO PAULO

Hitler compreendeu, também, a importância vital do folclore para consumir a "Anschlusses". Assim se expressou ele, em discurso bordado sobre o tema "Deutschland uber alles", na sala dos Mestres Cantores de Breslau (31-7-37):

"Toca a um povo que, durante tantos séculos, não pôde realizar a sua missão política, conhecer outros momentos, que são de natureza a compensar, idealmente, ao menos, a falta de uma unidade política real.

O primeiro laço comum, é a nossa língua alemã, falada não por 68, mas por 98 milhões de homens. Em segundo lugar, o "lied" alemão, porque ele não é cantado somente no interior das fronteiras do "Reich", mas repercute muito além, por toda a parte do mundo, onde vivam alemães. Este "lied" nos acompanha desde a nossa infância, até a nossa velhice. Vive em nós e conosco, suscita aos nossos olhos a imagem da pátria natal, da Alemanha, e do Reich alemão".

E faz, depois, alusão ao "Volkestum", — ao "apelo do sangue", e termina, asperamente:

"Que potência terá direito de barrar a rota do seu destino a um povo, que não

procura no seu "lied" senão ele próprio?"

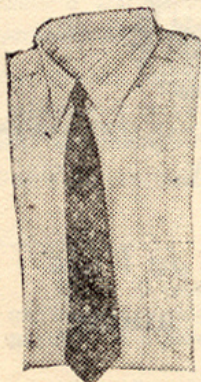
Essa tendência nacionalista revela-se, igualmente, na obra dos musicógrafos portenhos, que endeuzam o "canto creoulo", como base da "Restauracion nacionalista argentina".

O ideal separatista inspirou, pelo contrário, o geórgio Arakhtchiev, Rimsky-Korsakov, que deu um lindo fundo artístico à Lenda do Chota Rustaveli, — o herói caucasiano. Inspirou, também, o empreendimento do Pe. Komitas, ao organizar em Constantinópolis um côro de 250 figuras, para cantar os "ach-ughs" armênios. (Vida André Coeuroy — "Panorama da música contemporânea").

* * *

Compreende-se, pois, que no mundo agitado em que vivemos, no qual as fronteiras vivem num perpétuo "vir-a-sêr", e no qual os povos procuram conservar zelosamente o fundo cultural da nacionalidade, o folclore assumia um relevo extraordinário. Deixa ser mera locubração de estudiosos, mera pesquisa de simples "diletantes", para constituir elemento precioso para reivindicações políticas.

(Do livro "Elementos do folclore paulista", em preparação)



REFORMA - SE E EXECUTA - SE CAMISAS,
CUECAS E PIJAMAS PARA HOMENS
MODELOS NOVOS



Camiseiro Max

ALAMEDA LORENA, 1280 (Perto da R. Augusta)
Telefone 8-4517 :-: São Paulo

CONCERTOS

Prof. Clovis de OLIVEIRA

CONCÊRTO DE MÚSICA DE CAMARA

Mais um concêrto de música de câmara, realizou o Departamento de Cultura, no dia 19 dêste mes, no Teatro Municipal, a cargo do Trio São Paulo, Coral Paulistano e Quarteto Haydn.

Numeroso público lotou o teatro ancioso por ouvir êsses homogêneos conjuntos que poucas vêzes atuam prncipalmente o Trio e o Quarteto. Dizer da excelência dêsses conjuntos é como que desnecessário, porém, esta última apresentação pública nos sugere qualquer cousa que nós, por nossa vez, transmitimos à Direção do Departamento.

Como é sabido, poucos são os cultores apaixonados da música de câmara, referimo-nos, neste caso, aos Trios e Quartetos — porque trata-se de um gênero musical que exige do ouvinte, um certo conhecimento musical ou técnico, ou, enfim, uma apurada sensibilidade artística. Ora, um público com tais qualidades, não é numeroso, daí a razão porque, inteligentemente, a Direção do Departamento apresenta quasi sempre o Coral no mesmo programa em que figuram o Trio e o Quarteto. Aqui é o ponto que queríamos chegar. O Coral Paulistano, êsse magnífico conjunto, tem por finalidade capital executar músicas nacionais, divulgando a recente mas já bem volumosa produção artística folclórica dos nossos compositores. É um gênero musical que agrada integralmente porque o público gosta do que é alegre, do que lhe diz expontaneamente algo que já conhecia sob outra fisionomia. Portanto o sucesso de suas execuções é retumbante enquanto que as execuções do Trio e do Quarteto recebem um aplauso mórno, meio agrado, meio delicadeza (praxe). Para concertar essa lacuna que prejudica o bom conceito de que reputam êsses dois admiráveis conjuntos do Departamento, seria conveniente que houvesse uma modificação nos próximos programas onde o Coral Paulistano ficaria incumbido da última parte.

Isto evitaria além do mais, que muita gente deixasse o teatro porque a última parte (do Trio ou do Quarteto) é **cacete**, faz **dormir**!

Cremos que esta modificação sugerida agradará os assíduos frequentadores de bons concertos e, mais do que a êles, aos próprios artistas.

C. de O.

ANDRÉ SEGÓVIA

A reaparição do grande guitarista André Segóvia, constituiu um fato de relevante importância na vida artística cidadina. Patrocinado pela Sociedade de Cultura Artística, realizou-se a 18 de março, o 1.º concêrto do famoso artista espanhol assistido por numeroso público. O programa admiravelmente organizado reunia obras de Scarlatti, Rameau, Villa Lobos, Turina, Moreno Torroba, Castelnuovo-Tedesco, Albeniz, etc..

Artista em toda a extensão da palavra, André Segóvia coloca o seu instrumento em uma altura talvez inatingível pelos seus colegas de arte. Sua técnica impecável consegue tirar do instrumento sons aveludados, efeitos de tal delicadeza que até parece magia o poder que exerce de modo absoluto sobre o instrumento. André Segóvia cativou o nosso público com a beleza e seriedade de sua arte e dele recebeu como prova de admiração, aplausos calorosos que retribuiu com vários extras. Das execuções salientamos os Dois Estudos, de Villa Lobos, obras notáveis dedicadas pelo autor a André Segóvia.

C. de O.

ASSOCIAÇÃO LÍRICO-MUSICAL BRASILEIRA

A Associação Lírico-Musical Brasileira existente há vários anos nesta Capital, vem de iniciar uma nova fase em suas atividades artísticas. Dentre suas numerosas realizações, figuram dois espetáculos da ópera "La Boheme" de Puccini, com elementos próprios, alcançando grande sucesso, conforme elogiosa crítica da imprensa paulistana. Sob abalizada direção técnica, essa Associação está preparando diversas óperas.

Esta importante Associação em colaboração com a Sociedade Sul Rio-Grandese, promoveu a 19 do corrente, às 21 horas, no Trocadero, um magnífico concerto-lírico com o concurso de ótimos artistas do meio artístico desta Capital.

ANDRÉ SEGÓVIA COM ORQUESTRA DE CAMARA

Realizou-se a 24 do corrente, às 21 horas, no Teatro Municipal, o 3.º Concerto da Orquestra de Câmara da Sociedade de Cultura Artística, sob a regência do maestro Sousa Lima, tendo prestado seu concurso o grande guitarrista espanhol André Segóvia.

Uma seleta assistência compareceu prodigalizando ao ilustre solista, regente e orquestra farta messe de aplausos.

STABAT MATER DE ROSSINI, SOB A REGÊNCIA DO M.º BELLARDI

São Paulo inteiro estava no Teatro Municipal em a noite de 28 do corrente, afim de ouvir a execução da grandiosa obra de Rossini "Stabat Mater", sob a regência do competente maestro brasileiro Armando Bellardi, em Concerto Sinfônico promovido pelo Departamento de Cultura em comemoração ao 150.º aniversário do nascimento do imortal compositor italiano.

Abriu o programa a Abertura do poema de Anchieta, do jovem compositor patricio Orestes Farinello. Obra de grande força musical esta Abertura, dá-nos uma idéia mui exata do que deverá ser o poema na íntegra.

O autor com esta obra se impôs definitivamente no rol dos nossos compositores colocando-se numa posição destacada no ambiente artístico nacional.

Depois da Abertura de Guilherme Tell, regido, esplendidamente pelo maestro Armando Bellardi, ouvimos a grande composição de Rossini "Stabat Mater". Prestaram seu concurso além do Coral Lírico, os solistas Celina Sampalo, Iracema Bastos Ribeiro, Tomás Felipetti e Américo Basso.

O maestro Armando Bellardi que regeu todo o programa sem partitura, conduziu-se com muito brilho apresentando todo um programa otimamente preparado. Finalmente diremos com a sinceridade que traduz as nossas crônicas, que o maestro Armando Bellardi atingiu com o seu grandioso trabalho não apenas apresentar obras de grande vulto mas, também, confirmar suas reais qualidades de regente cujas nos darão ainda em futuro grandes realizações da mais bela das artes, a Música.

Artur de Macedo

Faleceu a 5 de Março, nesta Capital, o ilus-

tre crítico musical prof. Artur de Macedo, do importante jornal paulistano "Diário Popular", onde militou durante muitos anos fazendo apreciar seu belo estilo literário e suas notáveis qualidades de crítico consciencioso e justo.

Colaborou na "Resenha Musical", onde era muito estimado pelos Diretores desta revista. Sua vida literária foi intensa, escrevendo delicadas poesias e pronunciando inúmeras conferências sobre os mais variados temas. A sua morte veio deixar um branco em nossa vida artística. Filho do notável e saudoso pianista português, Raimundo de Macedo, o prof. Artur de Macedo, tinha herdado o quinhão artístico de seu progenitor, fazendo vibrar a sua pena pelas colunas da imprensa diária de São Paulo.

"Resenha Musical" presta homenagem ao saudoso amigo, colaborador e colega de imprensa, ilustrando esta página com o retrato do saudoso professor e crítico, transmitindo à Família enlutada, seus sentidos pêsames.

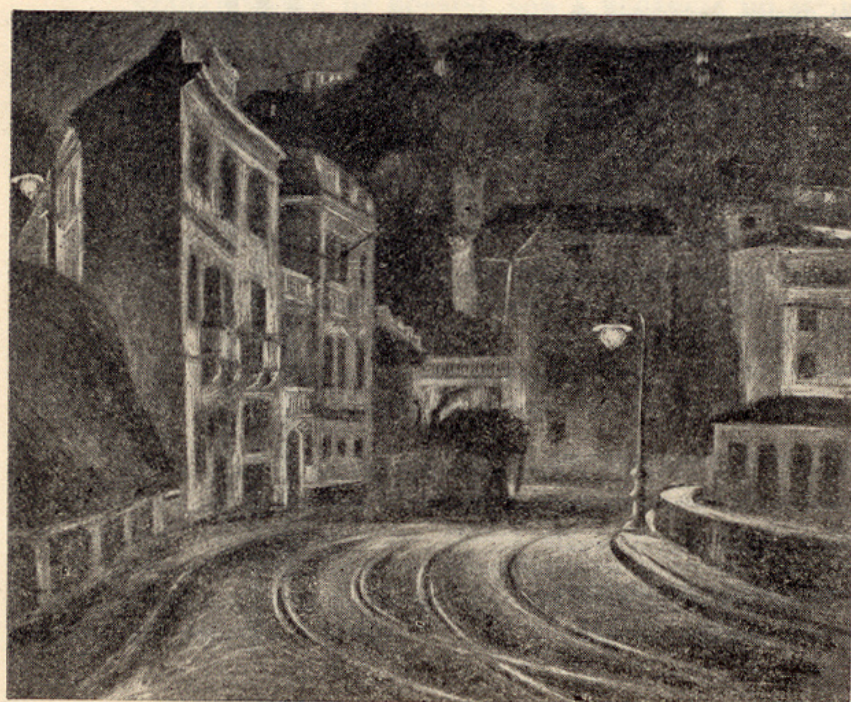


Do Pintor Suíço

**Jean-
Pierre
Chabloz**



"LUIZ"
(Desenho)



**"A curva
do
bonde"**
(OLEO)

Artes Plásticas

JEAN PIERRE CHABLOZ

O pintor suíço J. P. Chabloz dependurou na Galeria Casa & Jardim 24 óleos e 34 desenhos. senho.

É moço. Estudou numa famosa Academia europeia onde eu estudei, há muitos anos. Aquelela mesma sala daquela famosa Academia assistiu, portanto, à nossa mesma revolta. Dois lustros depois do que eu, o pintor suíço J. P. Chabloz embarcava para o Novo Mundo, abandonando sem grandes saudades (como eu) uma enorme sala muito fria e algo nua, onde, ao redor de um modelo ainda mais nú, algumas dezenas de moços de vária nacionalidade iam descobrindo, dia após dia, que a arte verdadeira não ensina. Daí a revolta.

Alguma coisa, porém, fica no fundo, depois de anos de estudo numa mesma escola. Eis porque Chabloz, como eu, prefere as tonalidades baixas, desprezando o efeito fácil, à procura da "matéria" plástica. E ambos estamos convencidos de que a deformação não é, em absoluto, um elemento necessário para ser "moderno".

A identidade de pontos de vista e um parentesco evidente entre as nossas sensibilidades plásticas, porém, não impedem uma visão objetiva e serena do conjunto.

Chabloz, por enquanto, parece "sentir" melhor o desenho, que é sempre vivo e brilhante, tecnicamente adiantado, livre de fórmulas. A realização plástica alcança, nesses desenhos, uma unidade expressiva de rara beleza, revelando um artista completo.

Nos óleos, Chabloz é um artista em plena e conciente evolução. A técnica da pincelada é das mais promissoras, o "corte" e a composição revelam um gosto apurado, mas sente-se nas suas telas, exarcebada, a procura de uma nova interpretação para um mesmo assunto,

cujas importância acaba sendo quase que acidental, no conjunto da obra. Não é que os "noturnos" cariocas sejam diferentes de outros noturnos, nem que as lâmpadas tenham reflexos diferentes em ruas diferentes, mas é a realização diferente daquele mesmo reflexo que preocupa o artista.

Mais tarde poderemos pedir a Chabloz maior interesse pelo elemento "assunto". Por enquanto essa repetição, que algum desprevenido poderia confundir com fraqueza, é, muito ao contrário, uma das forças mais vivas pela evolução da sua arte.

FRANCO CENSU

AUXÍLIO À FAMÍLIA DE VICENTE LEITE

Vicente Leite foi um dos valores das artes plásticas brasileiras. Artista que se fez pelo próprio esforço, paisagista diplomado pela Escola Nacional de Belas Artes, Vicente Leite foi um trabalhador e um apaixonado da sua profissão. A morte levou-o em plena mocidade, quando acabava de obter o prêmio de viagem à Europa e depois de já haver conquistado o de viagem pelo Brasil.

Vicente Leite, natural do Ceará, faleceu não há muito no Rio de Janeiro deixando sua progenitora e um filho menor aos quais o Governo da República vai agora amparar. O Presidente Getúlio Vargas num gesto que bem demonstra a sua simpatia pelos artistas patricios, assinou um decreto-lei, abrindo um crédito especial de 37 contos de réis para concessão de auxílio à genitora e ao filho menor do finado pintor cearense, laureado em 1940 com o Prêmio de Viagem ao estrangeiro. O mesmo decreto tornou sem aplicação, igual importância na verba do orçamento do Ministério da Educação, destinada a prêmios.

"Resenha Musical"

PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS
BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ



USA I

NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,
CAVAQUINHOS,
BANDOLINS,
E GUITARRAS

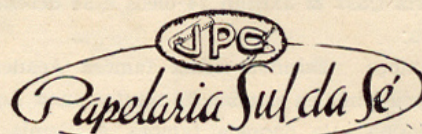
AS AFAMADAS
CORDAS VERDEGAES

**"Sem
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

J. PECORA & CIA.
RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 325
Telefone, 2-5399 — S. PAULO



Floricultura Augusta

Rua Augusta 973 — São Paulo

ORQUIDEAS

Bulbos sulafricanos

ULTIMAS NOVIDADES

Palmeiras e outras plantas para embelezar
o jardim no inverno

A Escultura Francesa Contemporanea

Georges GRAPPE

Se, de século em século, e sem interrupção pelo menos desde o ano Mil, a estatuária francesa tem contado muitos nomes que a imortalidade consagrou, nenhum é tão glorioso como o de Rodin. Os mais famosos, desde o mestre de Moissac a Carpeaux, os misteriosos talhadores de pedra dos anjos de Reims, dos reis de Chartres ou do belo Deus de Aimens, Clauss Sluter, Goujon, Pilon, Puget, Coysevox, Girardo os Coustou, Pigalle, Falconet, Houdon, Rude Barye, nenhum alcançou o poder soberano do autor dos "Burgueses de Calais" só comparável a Fídias e Miguel Angelo.

Depois de encarniçada luta de quasi um quarto de século durante a qual cada nova obra prima que saia de suas mãos encontrava concentrados e coligados contra elle, todos os poderes da rotina, da facilidade, do dogmatism escolástico exgotado, chegou, finalmente, o momento, com a Exposição Universal de 1900, em que o prodigioso labor de Rodin se impôs às multidões e brilhou para o mundo.

Nessa exposição, graças ao concurso de alguns admiradores fiéis, o escultor fez construir, fora do recinto official, na praça da Alma, um vasto pavilhão onde, com toda simplicidade, apresentou o mais importante da obra que concebera e realizara, desde a famosa "Ida-

de da Pedra Lascada" enviada ao Salão em 1877, da qual a própria perfeição provocara escandalo. Para contestar a originalidade desta estátua a incompetência e a inveja se tinham associado pretendendo, peremptoriamente, não ser mais do que uma copia estampada sobre um modelo vivo. Se bem que cada novo bloco fôsse descobrindo melhor o talento do artista; se bem que os vinte e três anos decorridos depois da revelação trazida por essa "Idade de Pedra" radiosa como um bronze antigo, fremente de toda a sensibilidade moderna, houvessem sido empregados para multiplicar as obras primas, não foi sendo muito lentamente que a aprovação das elites lhe chegou. Algumas centenas de nus, de grupos, de bustos, de graciosas figurinhas, tinham sido esculpturados, milagrosamente cheios de luz e verdade sem que, entretanto, o fôsse admitido. Depois dessa "Idade de Pedra" e apesar da confirmação de um certo numero de obras iguais, "Eva", o "Homem que anda", a "Velha Heaulmiere", o "Beijo", "Vitor Hugo", "Chamada às armas", o "Pensador", foram creados em meio da indiferença e da hostilidade. A grande e poderosa imagem de Balzac, esse gênio tão irmão do seu, no qual o mestre se renovou e mesmo ultrapassou, não suscitava senão risos e injúrias.

Mas com a aurora do novo século, diante des-

sa sublime revisão de seu gigantesco esforço, como se uma rajada de ar puro tivesse renovado a atmosfera, o mal-entendido se dissipou. Sobre a fronte do titã encanecido entre todos os produtos de sua ardente imaginação, entre esses mármore, esses bronzes, esses gessos a que o seu sonho dera forma imortal, a glória depôs enfim, a coroa reservada aos maiores.

Depois de algumas críticas livres e corajosas de G. Geffroy, Mirbeau, Georges Leconte, Leon Daudet, André Fontainas, os jovens artistas e escritores que, por sua vez se apaixonaram, esse bronzes, esses gessos fizeram-se seus arautos. A partir desse momento e até à sua morte, sobrevinda em 1917, Rodin viveu numa espécie de apoteose. Quando desapareceu, em plena guerra, os próprios jornais do inimigo celebraram, em inúmeros artigos, a sua glória sem rival. Poderíamos admirar-nos — se não soubéssemos com que lentidão os olhos dos homens se abrem à beleza — com a longa incompreensão suportada por essa carreira laboriosa e quase sobrehumana. Que há de mais clássico no verdadeiro sentido da expressão do que a Idade de Pedra? O "Homem de nariz quebrado" não está, porventura, na mais pura tradição antiga? Os "Burgueses de Calais" amavam uma grandeza, uma nobreza que os coloca na órbita de nossos escultores de catedrais. Depois de Moisés, de Miguel Angelo quem modelou uma estátua tão digna desse poderoso modelo com o "Pensador"? E todos esses bustos executados por Rodin, quase brincando, em toda a sua carreira, não possuem essas virtudes plásticas, essa nitidez incisiva, essa ampla modelagem que todos admiram nos seus mais ilustres predecessores, desde Donatello à Houdon?

Certamente todas essas obras de artista, se bem que evocassem os seus grandes precursores de arte, não eram cópias. Por ter bebido os largos rios do passado, ele não se embriagara ao ponto de perder a sua personalidade. As lições que os seus antecessores lhe transmitiram, ele as assimilara; com elas nutria o seu sangue, para melhor externar o seu próprio gênio. E esse gênio se manifestara com tal poder de inspiração, tanta ciência de execução, tão surpreendente verdade na pintura do movimento, que não houve remédio senão reco-

nhecer, enfim, que havia nascido de um herdeiro dos semi-deuses da estatuária. Só os "Nikés" da Grécia heróica, os "Escravos" de Miguel Angelo possuíam o mesmo grau de expressão. Só esses mármore, a um tempo sublimes e humanos, apresentavam uma acentuação igual. Foi essa, talvez, a virtude mais apreciada em Rodin desde o momento em que foi reconhecida a sua superioridade técnica e a sua grandeza: o humano. Nada o poderia melhor manifestar do que esses temas escolhidos por ele onde se acham expressos todos os impulsos, todas as paixões do homem; a fé religiosa, o amor da pátria, a atração das almas, a fatalidade do desejo, o amor materno. Mesmo quando traduz no mármore as fraquezas da nossa natureza, ele ainda conserva uma espécie de gravidade lucreciana, uma elevação de expressão que o aproxima dos poetas que frequentou toda a vida: Dante e Baudelaire.

Talvez por ser Rodin muito simples, muito direito, muito preocupado em traduzir na plena espontaneidade do seu gênio a realidade e o que há de eterno, na vida, fugitiva, que teve tanto trabalho para abrir os olhos acostumados ao convencional. Rude, que, num relâmpago tivera essa visão das coisas, havia desaparecido desde 1851 e Carpeaux, morto vinte anos mais tarde, tinha, em parte, sucumbido à impossibilidade de fazer preferir a graça ao maneirismo. Nos salões oficiais triunfavam, com efeito, nus ornamentados por todos os nomes da fábula porém bem descuidados da anatomia e do que há de mais profundo na mitologia. Contanto que as formas dos Apolos e Dianas exibidos, fossem roliços, eram tidas por verdadeiras. A escultura de Rodin, fundada sobre as leis eternas dessa arte, toda profundidade, assentada sobre o estudo constante dos perfis, onde tudo era escolhido com consciência e ciência, os jogos de luz e de sombra, apareciam aos olhares acostumados às superfícies simplificadas em detrimento da verdade, como uma monstruosidade. Foi preciso a natureza tenaz e incapaz de uma concessão desse mestre, a prodigiosa multiplicação de suas obras primas para refazer a educação do público e até mesmos dos artistas.

(Conclue no próximo número)

"Hammond" Solovox

ligado ao seu piano

Acrecente os belos efeitos instrumentais do Solovox ao seu piano. O Solovox facilita a execução dum dueto instrumental de rara expressão e beleza, — timbres e tons que suplementam as vozes do seu piano, — metaes, cordas, flautas e outros instrumentos de palheta



Produto do fabricante dos órgãos elétricos
"HAMMOND"

"SOLOVOX"
(elétrico)

CASA HAMMOND

Graubner & Ghiraldini Ltda.

Unicos representantes para o Brasil

Rua Capitão Salomão, 110 — Caixa Postal, 2773 — São Paulo

VARIAS...

PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Por Decreto do Governo do Estado de São Paulo, foi nomeado o sr. prof. Clovis de Oliveira, para fiscal do Conservatório Musical Santa Cecília de Marília, importante estabelecimento de ensino artístico deste Estado.

O novo fiscal do ensino estadual, é Diretor da revista de arte "RESENHA MUSICAL", diplomado pelo Conservatório D. e Musical de São Paulo, pelo Instituto Pedagógico Caetano de Campos (atual Escola Normal Caetano de Campos) de S. Paulo, ex-prof. do Conservatório D. e Musical de São Paulo, colaborador da Revista Brasileira de Música do Rio de Janeiro e da "Orientacion Musical" do México, representante neste Estado da Associação dos Artistas Brasileiros, do Rio de Janeiro, e Socio-correspondente do Ateneu Musical do México.

"RESENHA MUSICAL" congratula-se com o Conselho de Orientação Artística e com a Diretoria do Conservatório Musical Santa Cecília de Marília, pela nomeação de seu digno Diretor, prof. Clovis de Oliveira.

ASSOCIAÇÃO CORAL E SINFÔNICA DE SÃO PAULO

Está definitivamente organizada e registada a Associação Coral e Sinfônica de S. Paulo, cujo aparecimento noticiámos em primeira mão. Preside a nável Associação, o reputado compositor patricio dr. Luiz Werttely cuja atuação a frente dessa entidade por certo será brilhante como é de esperar de seu espírito de organização e da sua cultura.

Para Diretor Artístico foi escolhido e convidado o maestro Antônio Romeu, cujo valor de há muito o nosso mundo artístico conhece pelas suas admiráveis realizações musicais.

MADALENA TAGLIAFERRO

Declarou a 28 do corrente, à Agência Nacional, a grande pianista Madalena Tagliaferro: "Venho encantada com Campos do Jordão, onde passei dois meses. Nesse maravilhoso lugar, entre a natureza e a música, tive ocasião de preparar 12 programas novos. No Rio de Janeiro, vou retomar o curso de interpretação e aperfeiçoamento pianísticos, que dirijo. Devo voltar a São Paulo, em meados de Abril, para realizar concertos. Depois irei à Argentina, Uruguai e Chile, em tournée oficial.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BOLETIM DA B. B. C., de Londres, Inglaterra; NOVA LURDES BRASILEIRA, de Niterói; ORIENTACION MUSICAL, do México; MUSIC EDUCATORS NATIONAL CONFERENCE, U. S. A.; NOTICIÁRIO RICORDI, São Paulo; NOTICIÁRIO RÍCORDÍ, Buenos

Aires, Argentina; THE NEW-YORK TIMES, U. S. A.; MENSAGEM, Belo Horizonte; REVISTA MUSICAL, México.

INSTITUTO DRAMÁTICO E MUSICAL DE BAURÚ

Realizou-se a 27 de março, no salão do Automóvel Clube de Baurú, a festa de formatura das diplomandas de 1941, do Instituto Dramático e Musical de Baurú, a modelar e esplêndida escola de ensino musical do interior paulista, que obedece a orientação técnica de d. Nair de Araújo Antunes, ilustre professora brasileira diplomada pelo Conservatório de S. Paulo.

Concluíram o curso as srts. Célia Guimarães, Eliza C. Laudt e Zilay Queiroz de Sousa, que executaram excelente programa musical. Paraninfou o ato o ilustre professor brasileiro sr. Eféio Anedda, daquele Instituto.

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA DO ESTADO DE S. PAULO

Compõem atualmente o Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, os ilustres drs. Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, Francisco Pati, Dácio de A. de Moraes, José Maria da Silva Neves, prof. Teodoro Braga, sr. Alípio Dutra e prof. João da Cunha Caldeira Filho.

MAESTRO ARMANDO BELLARDI

Em regosijo pela passagem do aniversário natalício do ilustre maestro brasileiro Armando Bellardi, ocorrido a 25 do corrente, seus amigos e admiradores ofereceram-lhe um grandioso banquete que realizou-se na Rotisserie Ferraris.

O aniversariante, figura de destacado relêvo no meio artístico nacional, teve a satisfação de, naquela data, vêr-se rodeado e prestigiado pelo que a Capital bandeirante conta de mais representativo em seu meio musical. Estiveram presentes dentre as inúmeras representações, os srs. dr. Marrey Júnior, Membro do Conselho Administrativo do Estado, d. Maria de Lourdes Cabral, prof. Sousa Lima, prof. Clóvis de Oliveira representando RESENHA MUSICAL, maestros Camargo Guarnieri, Artur de Angelis e Savino de Benedictis, prof. Anselmo Zlatopolski, todos os elementos componentes dos Corais Lírico, Pauistano e Popular do Departamento de Cultura, da Orquestra do Teatro Municipal, do Corpo de Baile e Administrativo do Teatro Municipal, e muitas outras pessoas.

Damos aqui, aos nosso leitores, uma rápida biografia do ilustre professor Armando Bellardi, a quem RESENHA MUSICAL apresenta suas felicitações:

ARMANDO BELLARDI, nasceu em São Paulo em 1900. Iniciou seus estudos musicais com o seu pai, com a idade de sete anos. Seus primeiros instrumentos foram: bandolim e violão. Em seguida passou a estudar o violino, porém como não demonstrava vocação para o referido instrumento, seus pais o entregaram ao maestro Guido Rocchi, para ver se tinha disposição para o violoncelo. De fato neste instrumento logo patenteou raras aptidões, ao ponto de ingressar em 1909, na orquestra da Cia. "Ettore Vitale" no antigo Teatro Santana.

Daí por diante foi progredindo, e além das suas atividades nas orquestras de diversas companhias, realizando concertos de violoncelo tanto em São Paulo, como em várias cidades do interior do Estado. Em 1913 a conselho do maestro Rocchi, seuiu para a Itália, fixando residência em Roma, onde frequentou na Academia Musical "Sta. Cecilia" a classe de violoncelo do prof. Luis Forino. Como não estivesse satisfeito com a escola deste professor, passados vários meses, transferiu-se para a classe do professor Tito Rosati, solista do "Augusteu" de Roma. Em 1914 completando os seus estudos, diplomou-se no "Liceo Musicale G. Rossini" de Pesaro, obtendo notas distintas.

Em Roma realizou diversos concertos, voltando em seguida ao Brasil.

Chegando a terra natal, o jovem violoncelista iniciou as suas atividades artísticas, realizando concertos em São Paulo, no Rio e em outras cidades do País, obtendo sempre francos elogios do público e da imprensa, que o consideraram entre os melhores violoncelistas do Brasil. Armando Belardi, colaborou para a difusão da música de câmara, fazendo parte do quarteto da "Sociedade de Cultura Artística", do quarteto "Z. Authori" e fundou, juntamente aos musicistas: Torquato Amore, João Poffo e Mário Mascherpa, a "Sociedade de Música de Câmara" de São Paulo.

Foi ainda por iniciativa de Armando Bellardi e da Sociedade de Concertos Sinfônicos de São Paulo, que veio ao Brasil o saudoso regente Ottorino Respighi, e que por duas vezes a orquestra de São Paulo, se apresentou ao público do Rio de Janeiro em concertos memoráveis, em que a imprensa da Capital da República, fez rasgados elogios a organização e ao valor artístico dos componentes da orquestra.

O temperamento artístico de Armando Bellardi, foi sempre progredindo, tanto assim que há vários anos se dedica a regência da orquestra, tendo-se iniciado em vários gêneros, firmando-se ultimamente na especialidade lírica e sinfônica. Em 1937, a célebre soprano Gabriela Besanzoni Lage o convidou para um dos seus regentes da Companhia lírica da S. A. Teatro Brasileiro, do Rio de Janeiro. Lá colaborou para a preparação dos novos e velhos artistas para as temporadas lírica nacional e da oficial. Foi um dos regentes das temporadas da S. A. Teatro Brasileiro realizadas em 1937 e 38, tanto no Rio como em São Paulo.

Terminadas as atividades da S. A. Teatro Brasileiro, Armando Bellardi voltou para São Paulo, reiniciando o seu trabalho artístico, realizando seu velho sonho: dotar São Paulo de uma orquestra sinfônica e de uma massa coral efetiva apta a executar todo o vasto repertório sinfônico-vocal.

De fato com a colaboração de vários amigos amantes da divina arte musical, Armando Bellardi, apresentou ao benemérito Prefeito de São Paulo duas propostas, sendo uma para a organização da orquestra oficial do Teatro Municipal, por intermédio do então "Sindicato Centro Musical de São Paulo", e outra a seleção de uma massa coral de cerca de 80 figuras. As duas propostas foram aceitas, e as duas organizações existem até hoje, sempre em contínuos progressos e desenvolvendo um educativo programa cultural, elevando ainda mais o renome artístico de São Paulo.

Desde 1939, Armando Bellardi, dedica-se a regência da música sinfônica. Apresentou vários programas sinfônicos e corais, tendo sempre obtido êxito invulgar. Em Janeiro de 1940, apresentou pela 1.^a vez em São Paulo, a célebre "Missa de Requiem" de G. Verdi, com uma massa coral de 120 figuras, solistas e orquestra oficial. A execução obteve tal êxito que foi preciso repeti-la 5 vezes.

Em 1941, ainda por iniciativa de Armando Belardi, o povo paulista, ouviu pela primeira vez, uma primorosa execução do poema vocal-sinfônico de Carlos Gomes, "Colombo".

E, em 1942, a obra "Stabat Mater", de Rossini, repetida duas vezes com colossal sucesso.

Armando Bellardi, foi docente-livre do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo. Atualmente, é membro do "Conselho de Orientação Artística de São Paulo", Presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais de São Paulo, diretor do Coral lírico do Departamento Municipal de Cultura e um dos regentes dos concertos sinfônicos do mesmo Departamento.

NOVIDADE!

Agostinho Cantú



TRES PEÇAS FACEIS EM CLAVES DE SOL

EDIÇÕES I. M. L.



SÃO PAULO

Café

BRINDE



Palmeiras

EXTRA

FINO

Qualidade

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAGEM — TINTURARIA — TINGIMENTO

Rua E. de Jesus, 30 — Tel. 3-7214

Rua Senador Celso, 33 — Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO
Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo

R. ANTONIO DE QUEIROZ, 183
Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR
Fone: 22-9054